

## Graciliano Ramos: histórias de uma vida, uma vida de histórias

### Graciliano Ramos: histories of a life, a life of stories

Helton Marques<sup>1</sup>

**Resumo:** Graciliano Ramos era um escritor bastante cuidadoso quanto à forma e reescrevia seus livros sem cessar, só os publicando quando estivessem enxutos, livres de quaisquer excessos. Seus textos literários trazem não somente o estilo “seco”, apurado e preciso do autor alagoano, mas também representam o contexto sócio-histórico brasileiro da primeira metade do século XX. De modo geral, a crítica literária aponta a tênue linha fronteira que divide, de certa forma, a obra do escritor em narrativas autobiográficas/memorialistas e ficcionais, uma vez que re(a)presentam aspectos de sua própria vida, conforme demonstram vários excertos destacados, sobretudo, de algumas entrevistas concedidas por Graciliano e de cartas escritas pelo autor. Tendo isso em vista, este artigo tem como principal objetivo desenvolver, a partir de pesquisa bibliográfica, uma breve biografia revisada de Graciliano Ramos, destacando os principais episódios da vida de um dos mais importantes autores do Modernismo brasileiro.

**Palavras-chave:** Graciliano Ramos; biografia; História.

**Abstract:** Graciliano Ramos was a very careful writer with regard to form and he rewrote his books incessantly, only publishing them when they were free of any excesses. His literary texts bring not only the “dry”, accurate and precise style of the author from Alagoas, but also represent the Brazilian socio-historical context of the first half of the 20th century. In general, literary criticism points to the tenuous border line that divides, in a way, the writer's work into autobiographical/memorialist and fictional narratives, since they represent aspects of his own life, as shown by several excerpts from some interviews granted by Graciliano and from

**Abstract:** Graciliano Ramos was a very careful writer with regard to form and he rewrote his books incessantly, only publishing them when they were free of any excesses. His literary texts bring not only the “dry”, accurate and precise style of the author from Alagoas, but also represent the Brazilian socio-historical context of the first half of the 20th century. In general, literary criticism points to the tenuous border line that divides, in a way, the writer's work into autobiographical/memorialist and fictional narratives, since they represent aspects of his own life, as shown by several excerpts from some interviews granted by Graciliano and from letters written by the author. With that in mind, this article's main objective is to develop, based on bibliographical research, a brief revised biography of Graciliano Ramos, highlighting the main episodes of the life of one of the most important authors of Brazilian Modernism.

**Keywords:** Graciliano Ramos; biography; History.

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras pela UNESP, Campus de Assis.

Nasci na zona árida, numa velha fazenda, e ali passei quase toda a minha infância, convivendo com o sertanejo. Fui depois para a cidade estudar e mais tarde diversas vezes visitei o meu recanto natal, bem como outras paragens do sertão nordestino. Os meus personagens não são inventados. Eles vivem em minhas reminiscências, com suas maneiras bruscas, seu rosto vincado pela miséria e pelo sofrimento.

Graciliano Ramos<sup>2</sup>

Aos 27 de outubro de 1892, em Quebrangulo, Estado de Alagoas, nasceu Graciliano Ramos de Oliveira, primeiro dos dezesseis filhos do casal Sebastião Ramos de Oliveira, de 37 anos, e Maria Amélia Ferro e Ramos, com então 14 anos de idade. Segundo Dênis de Moraes, em *O Velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*, “Encravada na montanha, a cidade em nada diferia dos pequenos vilarejos: comércio de ocasião, trabalho no roçado, boas pastagens para a pecuária e vida arrastada. Mas havia a expectativa de progresso com a chegada dos trilhos da Great Western; Maceió ficaria a um pulo.” (MORAES, 2012, p. 23).

Mesmo existindo essa “expectativa de progresso”, alguns anos mais tarde, em 1895, antes de Graciliano completar três anos, seus pais decidiram mudar-se com os filhos para a Fazenda Pintadinho, na cidade de Buíque, localizada no sertão de Pernambuco, onde viveram até 1899, quando houve uma nova mudança da família, desta vez para o município de Viçosa, no estado de Alagoas.

Aos dez anos, ou seja, no ano de 1902, Graciliano leu seu primeiro livro, *O Guarani*, mas a estética romântica não o conquistou, muito menos influenciou sua produção artístico-literária, apesar de afirmar que admirava “(...) as bonitas descrições, a linguagem atraente do autor de *Iracema*, os lances de fidelidade e de amor platônico de um índio, sentimentos impossíveis entre os nossos selvagens, homens desconfiados e lúbricos, segundo a opinião de Southey, Léry etc.” (FACIOLI, 1987, p. 31).

Em apenas alguns meses, vários romances de diferentes autores, como José de Alencar, Júlio Verne e Joaquim Manuel de Macedo, por exemplo, já haviam sido “devorados” pelo jovem leitor, que sempre se revelou um apaixonado pela arte literária, exercitando o hábito da leitura em diversos lugares, como “(...) na escola, debaixo das laranjeiras do quintal, nas pedras do rio Paraíba, em cima de uma caixa de velas, junto ao dicionário, que tinha ‘bandeiras e figuras’” (MORAES, 2012, p. 30).

---

<sup>2</sup> BROCA, Brito. *Vidas secas: Uma palestra com Graciliano Ramos – O sertanejo da zona árida – O homem no seu habitat*. In: LEBENSZTAYN e SALLA, 2014, p. 68.

Em 24 de junho de 1904, Graciliano, com apenas 11 anos de idade, fez sua estreia literária com o conto “O Pequeno Pedinte”, publicado na primeira edição do jornal *O Dilúculo*, do Internato Alagoano de Viçosa, revelando, ainda durante a infância, sua inclinação para a literatura em prosa. O jornal circulou até o início de 1905, quando o jovem autor foi matriculado no Colégio Quinze de Março (ou Maio)<sup>3</sup>, em Maceió.

O conto de estreia de Graciliano, segundo Dênis de Moraes, teria sofrido várias alterações e emendas feitas por Mário Venâncio, que teve o papel de mentor intelectual do jovem autor. Venâncio era conhecido por admirar e usar palavras incomuns, raras, ao gosto dos poetas parnasianos, como revela o título “O Dilúculo”, por exemplo, escolhido por ele, que significa “amanhecer”, “despontar do dia”, “alvorada” (FERREIRA, 1986). Alguns termos provavelmente usados por Venâncio durante a correção que fez do breve conto de Graciliano também revelam essa inclinação preciosista.

O conto é relativamente curto e vale a pena transcrevê-lo a fim de exemplificar como o jovem escritor de apenas onze anos de idade já se preocupava em tematizar o sofrimento do outro que é socialmente marginalizado, vítima do violento processo de exclusão social que marca a História do Brasil:

Tinha oito anos!  
A pobrezinha da criança sem pai nem mãe, que vagava pelas ruas da cidade pedindo esmola aos transeuntes caridosos, tinha oito anos.  
Oh! Não ter um seio de mãe para afogar o pranto que existe no seu coração.  
Pobre pequeno mendigo.  
Quantas noites não passara dormindo pelas calçadas exposto ao frio e à chuva, sem o abrigo do teto.  
Quantas vergonhas não passara quando, ao estender a pequenina mão, só recebia a indiferença e o motejo. Oh! Encontram-se muitos corações brutos e insensíveis.  
É domingo.  
O pequeno está à porta da igreja, pedindo, com o coração amargurado, que lhe deem uma esmola pelo amor de Deus.  
Diversos indivíduos demoram-se para depositar uma pequena moeda na mão que se lhes está estendida.  
Terminada a missa, volta quase alegre, porque sabe que naquele dia não passará fome.

---

<sup>3</sup> O nome do Colégio onde Graciliano Ramos foi matriculado em 1905 não é um dado preciso, pois, durante pesquisa, foram encontradas duas referências: “Colégio Quinze de Março”, presente tanto no site oficial sobre o escritor (<http://www.graciliano.com.br>) como no livro *O Velho Graça*, de Dênis de Moraes (MORAES, 2012, p. 32); e “Colégio Quinze de Maio”, que consta na Biografia Intelectual intitulada “Um homem bruto da terra”, de Valentim Facioli (In: GARBUGLIO et al, 1987, p. 28).

Depois vêm os dias, os meses, os anos, cresce e passa a vida, enfim, sem tragar outro pão a não ser o negro pão amassado com o fel da caridade fingida. (MORAES, 2012, p. 31)

No início de 1906, o jovem escritor, com 13 anos de idade, redigiu o periódico quinzenal *Echo Viçosense*, que teve apenas dois números publicados, devido ao suicídio de Mário Venâncio, que também era um dos redatores. Nesse mesmo ano, Graciliano publicou dois sonetos na revista carioca *O Malho*, usando o pseudônimo *Feliciano de Oliveira*, e, no período aproximado de 1909 a 1914, após uma nova mudança da família para a cidade de Palmeira dos Índios, em Alagoas, publicou outros poemas sob vários pseudônimos, como, por exemplo, “(...) S. de Almeida Cunha, Almeida Cunha, Soares de Almeida Cunha e Soeiro Lobato” (MORAES, 2012, p. 33).

Em depoimento publicado em 1910, no *Jornal de Alagoas*, na época o mais importante do Estado, Graciliano, com menos de dezoito anos, revelou gostar “(...) dos versos verdadeiramente artísticos de Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Guimarães Passos, Luís Murat, Luiz Guimarães, etc.” (LEBENSZTAYN e SALLA, 2014, p. 52).

Em seguida, afirma, porém, que sua influência literária viria de Aluísio Azevedo, Adolfo Caminha e Eça de Queirós, como demonstra o excerto: “Tenho predileção por Aluísio Azevedo, mas não deixo de admirar outros escritores nacionais e estrangeiros. Assim, predominaram também sobre mim o realismo nu de Adolfo Caminha e a linguagem sarcástica de Eça de Queirós” (LEBENSZTAYN e SALLA, 2014, p. 52).

E, finalmente, conclui suas considerações afirmando que prefere “(...) a prosa ao verso. Se tenho trabalhos poéticos, esquecendo a prosa – por que não confessá-lo – é porque não tenho talento para cultivar a escola que prefiro: a escola realista. E o verso ocupa menor espaço nos jornais” (LEBENSZTAYN e SALLA, 2014, p. 53).

É interessante destacar a preferência do jovem autor pelo Realismo, o qual segundo ele seria “(...) a escola que, rompendo a trama falsa do idealismo, descreve a vida tal qual é, sem ilusões nem mentiras.”, e por isso tornar-se-ia “(...) a escola do futuro” (LEBENSZTAYN e SALLA, 2014, p. 55). Além disso, também é importante destacar a intenção de Graciliano em preservar seu pequeno espaço literário nos jornais com a publicação somente de poemas, já que os versos ocupariam menos espaço do que os textos em prosa, e, por isso, a “opção” naquele momento pela produção de poemas.

Todavia, essa opção, na verdade, significava a falta de opção do autor, que necessitava de um veículo para a publicação de seus escritos, mas, naquela região onde se encontrava, o único meio de circulação de informação e entretenimento era o periodismo, com a oferta de espaços muito reduzidos para a literatura. Assim, o jornal era o principal suporte para a sobrevivência e difusão de textos literários, como reconhece o próprio autor: “Creio que o jornal é absolutamente necessário, indispensável mesmo à literatura, principalmente em um lugar onde apenas de longe em longe aparece um livro” (LEBENSZTAYN e SALLA, 2014, p. 54).

No início de sua trajetória como escritor, Graciliano já era muito cuidadoso quanto à precisão das palavras e à forma literária, pois tinha o hábito de corrigir exaustivamente seus textos e só os publicava quando estivessem livres de excessos, o que demonstra o árduo trabalho de lapidação textual que pode ser observado no conjunto de sua obra.

A propósito, em uma entrevista ao jornalista e escritor Joel Silveira, concedida em 1938, Graciliano comparou o trabalho de escrever ao trabalho das lavadeiras de Alagoas, para expressar o grau de precisão que exige o ofício de escritor:

Elas [as lavadeiras] começam com uma primeira lavada. Molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Depois colocam o anil, ensaboam, e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Depois batem o pano na laje ou na pedra limpa e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso, a palavra foi feita para dizer. (SILVEIRA, 2014, p. 77)

Ao afirmar que “a palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso”, mas “foi feita para dizer”, Graciliano deixa claro que, juntamente com a precisão, concisão e objetividade, que marcam sua produção literária, a palavra também deve passar uma mensagem, dizer algo para o leitor.

De fato, muitos de seus textos, caracterizados pela *secura* e precisão da palavra, apresentam temas engajados e conteúdos críticos, que, inclusive, se relacionam com o estilo de escrita do autor, como é o caso, por exemplo, da temática da violência, representada formalmente em alguns textos por meio da palavra áspera, precisa, dura e agressiva, sem ornamentos. A violência da linguagem, portanto, aparece como um

modo de formalização de um tema recorrente em seus textos, constituindo uma característica do que poderíamos chamar de uma *estética da violência* na obra do autor.

Entre os anos de 1910 e 1914, além de escrever e publicar poemas em jornais, o jovem autor trabalhou na casa comercial de tecidos de seu pai, a “Loja Sincera”, em Palmeira dos Índios, mas não abandonou o interesse pela leitura das obras dos grandes escritores. Nesse espaço, além de continuar lendo vários textos literários, Graciliano “Aproveita os momentos de folga para escrever, embora nisto seja contrariado pela família. Esta o trata hostilmente. Vê em Graciliano um rapaz inútil fadado ao fracasso na vida. Sem dúvida, este ambiente de hostilidade e a maior integração à leitura levam o moço a empreender uma viagem ao Rio (...)” (CONDÉ, 2014, p. 83).

Essa situação revela o olhar negativo de uma família tradicional do sertão alagoano em relação ao jovem intelectual Graciliano, que se vê motivado a realizar uma viagem ao Rio de Janeiro, na época Capital Federal do Brasil, a fim de prosseguir suas leituras e seu trabalho com a palavra. A desaprovação da família em relação ao ofício de escritor reflete metonimicamente e no plano privado a difícil situação vivenciada, de modo geral, pelo intelectual brasileiro, sobretudo no Brasil do início do século XX.

Em meados de 1914, recém-chegado ao Rio, o jovem autor trabalhou como revisor nos jornais *Correio da Manhã*, *A Tarde* e *O Século*, mas, no ano seguinte, precisou retornar rapidamente a Palmeira dos Índios devido à morte de seus irmãos Leonor, Otacílio e Clodoaldo, e do sobrinho Heleno, vítimas da epidemia da peste bubônica.

No mesmo ano de 1915, Graciliano casou-se com Maria Augusta de Barros, com quem teve quatro filhos: Júnio, Márcio, Maria Augusta e Múcio. Como o autor era ateu, a cerimônia foi apenas civil e contou com poucas pessoas presentes. Por esses tempos, mandou alguns textos para o *Jornal de Alagoas* e passou a escrever semanalmente uma crônica para o *Jornal Paraíba do Sul*, da cidade homônima, localizada no interior do estado do Rio de Janeiro.

Em 1917, interrompeu sua produção literária e assumiu a administração dos negócios da loja de seu pai, pois este se tornara pecuarista, proprietário de muitas

terras, com criação de cavalos e usina de algodão. Os negócios da loja tomavam todo o tempo de Graciliano, que ficou durante os anos seguintes distante do ofício de escritor, mas sempre atento às principais novidades do universo literário.

Anos depois, em 1920, Maria Augusta, esposa de Graciliano, faleceu devido a complicações no parto, e o autor passou a criar sozinho seus quatro filhos. Esses tempos foram muito difíceis, não apenas por complicações financeiras, mas também por questões emocionais, como confessou o autor em uma carta enviada ao amigo Joaquim Pinto da Mota Lima Filho, que vivia no Rio de Janeiro:

Sou um pobre-diabo. Vou por aqui, arrastando-me, mal. Há cinco anos não abro um livro. Doente, triste, só – um bicho. Tenho quatro filhos: Márcio, Júnio, Múcio e Maria. Esta, coitadinha, provavelmente não viverá muito: está à morte. Se morrer, será uma felicidade. Para que viver uma criaturinha sem mãe? (RAMOS, 1994a, p. 74)

Apesar de todo esse abatimento, Graciliano lecionava francês no Colégio Sagrado Coração, e português e gramática para grupos de pessoas, sem formalidades escolares. Após cinco anos sem publicação alguma, ou seja, no ano de 1921, o autor retomou suas atividades literárias por meio de colaborações para o jornal semanário *O Índio*, de Palmeira dos Índios, sob os pseudônimos *J. Calisto*, *Anastácio Anacleto*, *J.C.* e *Lambda*.

Em 1925, Graciliano iniciou a escrita de seu primeiro romance, *Caetés*, publicado apenas em 1933, após incansáveis revisões feitas pelo autor. O romance de estreia de Graciliano, na verdade, iniciou-se como um projeto de conto, mas a narrativa estendeu-se ao ponto de se tornar romance, como revela o próprio escritor na crônica “Alguns tipos sem importância”, publicada em 1939, na Imprensa Carioca, e no livro póstumo *Linhas Tortas*, publicado em 1962:

Esforcei-me por distrair-me redigindo contos ordinários e em dois deles se esboçaram uns criminosos que extinguiram as minhas apoquentações. O terceiro conto estirou-se demais e desandou em romance, pouco mais ou menos romance, com uma quantidade apreciável de tipos miúdos, desses que fervilham em todas as cidades pequenas do interior. (...) O livro que menciono saiu cheio de diálogos, parece drama. Publiquei-o oito anos depois de escrito, por insistência de Augusto Frederico Schmidt, que tinha virado editor. (RAMOS, 1994b, p. 190-191, grifos nossos)

O “terceiro conto [que] estirou-se demais e desandou em romance” redundou no livro de estreia, *Caetés*, enquanto os outros dois contos mencionados são, de acordo com Valentim Fiacoli, “A carta”, em que a personagem principal chama-se Paulo Honório, e “Entre grades”, no qual o protagonista chama-se Luís da Silva. (FACIOLI, 1987, p. 40).

A referência aos dois contos em que figuram dois tipos de criminosos também aparece em uma carta enviada ao amigo Joaquim P. da Mota L. Filho, datada do ano de 1926: “(...) tive a fraqueza de poupar ao fogo umas coisas velhas que me trazem recordações agradáveis e dois contos que andei compondo ultimamente, porque tenho estado desocupado e me imaginei com força para fabricar dois tipos de criminosos” (RAMOS, 1994a, p. 80).

A partir desses relatos, portanto, é possível afirmar que inicialmente a escrita de contos funcionou como exercício para o desenvolvimento posterior dos três primeiros romances de Graciliano. Desse modo, esses contos representam os embriões de *Caetés*, *São Bernardo* e *Angústia*, como o próprio filho do autor, Ricardo Ramos, reconhece: “*Caetés* e *Angústia* nasceram de duas novelas anteriores, ‘A carta’ e ‘Entre grades’, quem sabe sinopses a serem desenvolvidas” (RAMOS, 1992, p. 116, *grifos do autor*).

Em outubro de 1927, com 433 votos, Graciliano foi eleito prefeito de Palmeira dos Índios, pelo Partido Democrata, e assumiu a prefeitura no ano seguinte, quando se casou com Heloísa Leite de Medeiros, de dezoito anos de idade, ou seja, dezoito anos mais jovem do que ele. Com Heloísa, o autor teve outros quatro filhos: Clara, Luiza, Ricardo e Roberto.

Antes da realização do casamento, Graciliano escreveu algumas cartas de amor à futura esposa, dentre as quais uma se destaca pela linguagem, que se aproxima do estilo usado pelos poetas e romancistas mais representativos do Romantismo brasileiro, como sugere o seguinte trecho:

É verdade que és minha noiva? Não é possível, sei perfeitamente que tudo isto é um sonho, que vou acordar, que ainda estamos em princípio de dezembro, que tu não tens existência real. Esta carta nunca te chegarás às mãos, és uma criatura imaginária. A flor que me deste e que agora vejo, murcha, é simplesmente um defeito dos meus nervos. Beijando-a, tenho a impressão de beijar o vácuo. Já tiveste em sonho a consciência de estar sonhando? É assim que me acho. Vem para junto de mim e acorda-me. (RAMOS, 1994a, p. 91)

O distanciamento da amada, a idealização da figura feminina, a atmosfera de sonho e a linguagem solene própria principalmente dos textos da segunda geração romântica brasileira caracterizam a escrita de Graciliano Ramos nesta carta, de 18 de janeiro de 1928, na qual expressa seus sentimentos e emoções à futura esposa, por meio de um estilo muito diferente daquele encontrado no conjunto de sua obra literária.

No entanto, é importante lembrar que esse estilo de escrita não deve ser compreendido como algum tipo de influência do Romantismo na produção literária do autor, como já destacado, mas sugere que a admiração que tinha, por exemplo, pela “(...) linguagem atraente do autor de *Iracema* (...)” (FACIOLI, 1987, p. 31), isto é, a admiração pela literatura de um dos autores mais representativos do Romantismo brasileiro, pode ter sido o *leitmotiv* para a escrita de algumas cartas de amor à mulher amada.

No mesmo ano em que se casou com Heloísa Leite, Graciliano assumiu a Prefeitura de Palmeira dos Índios. Com relação à sua candidatura e eleição para prefeito, é interessante destacar um trecho da entrevista realizada por Homero Senna, publicada na *Revista do Globo*, em 1948, em que Graciliano, com tom crítico, revela como supostamente chegou à Prefeitura da então pequena cidade do interior de Alagoas: “Assassinaram meu antecessor. Escolheram-me por acaso. Fui eleito, naquele velho sistema das atas falsas, os defuntos votando (o sistema no Brasil anterior a 30), e fiquei vinte e sete meses na Prefeitura” (SENN, 1978, p. 51).

Durante esse período em que foi prefeito, Graciliano escreveu dois relatórios de prestação de contas da administração pública ao Governador de Alagoas: um em 1929 e outro no ano seguinte. Devido à linguagem incomum que empregou nesses documentos, marcada por um tom de ironia e crítica, o primeiro relatório ganhou repercussão nacional, sendo inclusive transcrito integralmente em alguns jornais de grande circulação, após sua publicação no Diário Oficial do Estado.

Além disso, pela qualidade literária do texto, o poeta e editor Augusto Frederico Schmidt procurou Graciliano para saber se havia outros textos que pudessem ser publicados. Foi então que o romance *Caetés*, após algum atraso, chegou às mãos do editor e foi publicado em 1933.

Para exemplificar a subjetividade, irreverência e até certa literariedade empregada pelo político nos relatórios que escreveu, segue abaixo um excerto do “Relatório ao Governador do Estado de Alagoas”, de 1929, referente às contas públicas da gestão administrativa do município de Palmeira dos Índios em 1928:

Durante meses mataram-me o bicho do ouvido com reclamações de toda a ordem contra o abandono em que se deixava a melhor entrada da cidade. Chegaram lá pedreiros – outras reclamações surgiram, porque as obras irão custar um horror de contos de réis, dizem. Custarão alguns, provavelmente. Não tanto quanto as pirâmides do Egito, contudo. O que a Prefeitura arrecada basta para que nos não resignemos às modestas tarefas de varrer as ruas e matar cachorros. (RAMOS, 1994d, p. 173)

A linguagem subjetiva, a carga emotiva e a ironia que caracterizam o primeiro relatório constituíram o principal motivo para que o documento ganhasse repercussão nacional. Nota-se, por meio do excerto transcrito, que Graciliano dispensou a escrita objetiva e técnica, que tipicamente caracteriza um documento oficial, quando redigiu seu relatório de prestação de contas ao então Governador de Alagoas, Álvaro Paes.

O segundo relatório também é caracterizado pela escrita subjetiva e pela ironia. Às vésperas de renunciar ao cargo de prefeito, Graciliano enviou, em 11 de janeiro de 1930, a prestação de contas, referente ao ano de 1929, quando desenvolveu duras críticas, marcadas por uma ironia corrosiva, em relação à própria população de Palmeira dos Índios, e até relatou, com forte tom de humor e sarcasmo, um recente acidente envolvendo uma senhora e uma criança:

POBRE POVO SOFREDOR – É uma interessante classe de contribuintes, módica em número, mas bastante forte. Pertencem a ela negociantes, proprietários, industriais, agiotas que esfolam o próximo com juros de judeu. Bem comido, bem bebido, o pobre povo sofredor quer escolas, quer luz, quer estradas, quer higiene. É exigente e resmungão. Como ninguém ignora que se não obtêm de graça as coisas exigidas, cada um dos membros desta respeitável classe acha que os impostos devem ser pagos pelos outros. (...) Uma senhora e uma criança, arrastadas por um dos rios que se formavam no centro da cidade, andaram rolando de cachoeira em cachoeira e danificaram na viagem braços, pernas, costelas e outros órgãos apreciáveis. Julgo que, por enquanto, semelhantes perigos estão conjurados, mas dois meses de preguiça durante o inverno bastarão para que eles se renovem. (RAMOS, 1994d, p. 190-191)

Os dois relatórios são, portanto, caracterizados por uma linguagem criativa e apurada, de qualidade literária e estilo incomuns em textos oficiais daquele tipo, e sua repercussão nacional tornou o nome de Graciliano conhecido inclusive no meio intelectual brasileiro da época, pois, além de o primeiro documento conseguir atrair a atenção e despertar o interesse do poeta e editor Augusto Frederico Schmidt, o relatório e seu autor também foram alvo de admiração de um distinto grupo de literatos do Rio de Janeiro.

Devido ao grande *crack* da Bolsa de Valores de Nova York em 1929, que deflagrou uma crise mundial que atingiu até mesmo o pequeno município de Palmeira dos Índios, e também devido ao descontentamento à frente da gestão pública da cidade, Graciliano, no dia 10 de abril de 1930, decidiu renunciar ao cargo de prefeito, e, no mesmo ano, liquidou a “Loja Sincera”, que administrava desde 1917.

Com o dinheiro que conseguiu na liquidação da loja, pagou suas dívidas e se mudou com a família para Maceió, onde, aceitando convite do então governador Álvaro Paes, foi nomeado Diretor de Imprensa Oficial de Alagoas. Apesar de haver ocupado o cargo de prefeito durante dois anos, Graciliano ainda enfrentava sérias dificuldades financeiras, geradas, sobretudo, pela grave crise mundial, além de passar por momentos de profunda tristeza devido à morte de seu sexto filho, Roberto de Medeiros Ramos, com poucos meses de vida.

Nesse período, começou a conviver com um grupo de jovens intelectuais, entre os quais alguns seriam renomados mais tarde, como, por exemplo, Aurélio Buarque de Holanda, Jorge de Lima, José Lins do Rego e Rachel de Queirós, que se mudou para Maceió por volta de 1934. Esse grupo discursava sobre questões do Brasil e do mundo, e escrevia e publicava vários textos, alguns com maior repercussão do que outros.

Graciliano continuou no cargo de Diretor de Imprensa Oficial de Alagoas até dezembro de 1931, quando, devido às consequências da Revolução de 1930, e “Não suportando os interventores militares que por lá andaram, larguei o cargo e voltei para Palmeira dos Índios, onde, numa sacristia, fiz *S. Bernardo*” (FACIOLI, 1987, p. 47).

O ano de 1932 foi, então, de muitas dificuldades para o autor e sua família, pois, além de não receber proposta alguma de trabalho definido, o que o levou a novamente dar aulas esparsas, Graciliano precisou retornar a Maceió para ser operado de um

abscesso na região da bacia. As impressões que lhe ficaram na memória em relação ao ambiente do hospital aparecem inclusive representadas em alguns de seus textos, como revela o próprio autor: “Do hospital ficaram-me impressões que tentei fixar em dois contos – ‘Paulo’ e ‘O relógio do hospital’ – e no último capítulo de *Angústia*. No delírio, julgava-me dois, ou um corpo com duas partes: uma boa, outra ruim. E queria que salvassem a primeira e mandassem a segunda para o necrotério”<sup>4</sup> (FACIOLI, 1987, p. 47-48).

A escrita de *São Bernardo* também foi, de certa forma, baseada no momento de sérias dificuldades por que passava o autor, especialmente se considerarmos a construção do narrador protagonista Paulo Honório, com sua brutalidade e aspereza:

Nessa crítica situação voltou-me ao espírito o criminoso que em 1924 me havia afastado as inquietações – um tipo vermelho, cabeludo, violento, de mãos duras, sujas de terra como raízes, habituadas a esbofetear caboclos na lavoura. As outras figuras da novela não tinham relevo, perdiam-se a distância, vagas e inconsistentes, mas o sujeito cascudo e grosseiro avultava, no alpendre da casa-grande de S. Bernardo, metido numa cadeira de vime, cachimbo na boca, olhando o prado, novilhas caracus, habitações de moradores, capulhos embranquecendo o algodoal, paus d’arco floridos a enfeitar a mata. (...) A verdade é que meus negócios andavam encrencadíssimos. É possível que esse sujeito reflita alguma tendência que no autor existisse para matar alguém, ato que na realidade não poderia praticar um cidadão criado na ordem, acostumado a ver o pai, homem sisudo e meio-termo, pagar o imposto regularmente. (FACIOLI, 1987, p. 48)

O momento de problemas com a saúde, os delírios pós-operatórios, as dificuldades financeiras e a instabilidade política e econômica no país são situações que não devem ser descartadas quando analisados os textos de Graciliano, pois o próprio autor revela as influências contextuais na elaboração de seus escritos. Tendo isso em vista, é possível afirmar que os fortes vínculos entre História e ficção aparecem em sua obra como um modo de diminuir distâncias entre os fatos históricos (e certamente biográficos) e a arte literária.

As dificuldades parecem se amenizar quando, em janeiro de 1933, Graciliano é nomeado diretor da Instrução Pública de Alagoas, cargo que corresponde atualmente

---

<sup>4</sup> O conto “Paulo” representa com mais clareza essas “impressões” do autor, como demonstra o seguinte excerto: “A minha banda direita está perdida, não há meio de salvá-la. As pastas de algodão ficam amarelas, sinto que me decompõho, que uma perna, um braço, metade da cabeça, já não me pertencem, querem largar-me. Por que não me levam outra vez para a mesa de operações? Abrir-me-iam pelo meio, dividir-me-iam em dois. Ficaria aqui a parte esquerda, a direita iria para o mármore do necrotério. Cortar-me, libertar-me deste miserável que se agarrou a mim e tenta corromper-me” (RAMOS, 1986, p. 55).

ao de Secretário Estadual da Educação, e também é contratado como redator do *Jornal de Alagoas*. Nesse mesmo ano, chega ao público seu romance de estreia, *Caetés*, e, no ano seguinte, *São Bernardo*.

Em 1935, as primeiras referências ao terceiro romance, *Angústia*, começam a aparecer em cartas enviadas à esposa, Heloísa, como demonstra o seguinte trecho: “Julgo que continuarei o *Angústia*, que a Rachel acha excelente, aquela bandida. Chegou a convencer-me de que eu devia continuar a história abandonada. Escrevi ontem duas folhas, tenho prontas 95. Vamos ver se é possível concluir agora esta porcaria” (RAMOS, 1994a, p. 140-141).

Graciliano, como é possível observar, expressava muita autocrítica com relação aos seus escritos, os quais, apesar de passarem por frequentes revisões e correções feitas pelo próprio autor, não eram reconhecidos por ele como as grandes obras literárias que viriam a se tornar alguns anos mais tarde.

Esse fato é inclusive relatado por Graciliano em outra carta enviada a Heloísa, no dia 3 de abril de 1935: “Há pouco Seu Américo pediu-me para ler uns capítulos do *Angústia*. Li, sem entusiasmo, e como ele me dissesse que alguém gostava dos meus livros e entendia de literatura, passei uma hora convencendo-o de que isso não era possível” (RAMOS, 1994a, p. 147).

A partir desse ano de 1935, o Governo Vargas intensificou a repressão no país com a promulgação da Lei de Segurança Nacional, que restringia as liberdades públicas, com base nas ideologias fascista e nazista, e combatia o comunismo e a democracia liberal proposta pela Aliança Nacional Libertadora (ANL), cujo lema era “Pão, terra e liberdade”.

O resultado de uma tentativa de revolução por parte dos adeptos da ANL foi a decretação de estado de sítio por Getúlio Vargas e a prisão de milhares de pessoas, dentre as quais Graciliano Ramos, preso em sua casa no dia 3 de março de 1936, após telefonemas com várias ameaças e pressões feitas por membros do movimento integralista e por militares. Ironicamente, em agosto desse mesmo ano foi publicado, pela editora José Olympio, seu romance *Angústia*, que teve uma imediata e favorável repercussão entre os intelectuais presos com Graciliano e os críticos literários da época.

Até janeiro de 1937, o autor ficou mantido em cárcere sem qualquer tipo de formação de culpa ou acusação formal, apenas com base em pretextos e pressupostos, como, por exemplo: sua participação em um grupo de intelectuais, dentre os quais alguns eram declaradamente de esquerda; a suposta simpatia pelos comunistas; a publicação de dois romances considerados pela censura pouco instrutivos para a população; a militância na Juventude Comunista de dois filhos estudantes; a opinião sarcástica sobre a Revolução de 30 e os militares; dentre outros pretextos que não constituíam provas de crime ou formação definitiva de culpa.

Esses onze meses durante os quais ficou preso sem motivo justo em cadeias de Maceió, Recife e do Rio de Janeiro aparecem representados em *Memórias do Cárcere*, publicado postumamente em 1953, livro de memórias em que o autor relata a violência e a opressão de um Brasil marcado pelo atraso político e social e pelo poder das classes hegemônicas exercido principalmente por meio da repressão.

De acordo com o jornalista e escritor Ruy Facó, no artigo “Graciliano Ramos, escritor do povo e militante do PC”, publicado em 1945 no Jornal *Tribuna Popular*,

A prisão abriu mais os olhos de Graciliano Ramos, trouxe-o mais para perto da vida, fazendo-o enxergar a vida por ângulos até então imperceptíveis. Era o caminho aberto para sua última resolução, resolução mais importante de sua vida: o ingresso no Partido Comunista. Lembremo-nos que na prisão, intimidado pela polícia política a assinar um documento pelo qual se ‘obrigaria a abandonar suas atividades de comunista’, Graciliano recusou-se terminantemente a fazê-lo, mesmo não sendo comunista, como de fato não o era, então. Preferiu as torturas da prisão, que o puseram gravemente enfermo, a submeter-se a humilhação semelhante. (FACÓ, 2014, p. 160)

Libertado em janeiro de 1937, após passar dois meses em uma enfermaria devido ao adoecimento causado pelos martírios da prisão, Graciliano preocupou-se em resolver primeiramente questões mais urgentes, como recompor a família, que estava dispersa, providenciar o sustento de seus filhos, dentre os quais alguns ainda eram crianças, manter a profissão de escritor e se mudar definitivamente com a família para o Rio de Janeiro.

Porém, nos primeiros meses de liberdade, precisou ficar hospedado na casa de um de seus grandes amigos, o escritor José Lins do Rego, devido a dificuldades financeiras, até logo se mudar para uma pequena pensão onde viviam também Rubem

Braga, considerado um dos melhores cronistas brasileiros, e sua esposa, Zora Seljan, importante dramaturga, cronista, romancista e crítica de teatro.

Nesse mesmo ano de 1937, Graciliano escreveu uma narrativa infantil, *A terra dos meninos pelados*, para participar de um concurso promovido pelo Ministério da Educação e da Saúde, obtendo o terceiro lugar e o Prêmio de Literatura Infantil do Ministério da Educação. No entanto, a narrativa seria publicada pela editora Globo somente dois anos depois.

Em 1938, foi publicado pela editora José Olympio o romance *Vidas Secas*, primeiro de Graciliano em que aparece um narrador heterodiegético, onisciente, narrando os sofrimentos de Fabiano e sua família (Sinhá Vitória, o Menino mais novo, o Menino mais velho e a cachorra Baleia), que vagam sem destino certo, lutando pela sobrevivência durante um período de grave seca no sertão nordestino.

Assim como os três primeiros romances, *Vidas Secas* também foi escrito a partir de um conto, o depois célebre capítulo que narra a morte de Baleia. Esse procedimento de partir de um núcleo, uma célula narrativa menor, à qual vai acrescentando outras, até desenvolver um romance, revela uma prática constante na produção ficcional do escritor e o processo criativo de sua obra literária.

Apesar de *Vidas Secas* ter uma repercussão grandiosa e muito positiva, as dificuldades financeiras ainda permaneciam para o autor, que desenvolvia várias atividades ao mesmo tempo, como escrever colaborações variadas para jornais e revistas, trabalhar como fiscal de ensino após ser nomeado por Getúlio Vargas, e fazer alguns trabalhos informais no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que funcionava no Palácio Tiradentes e era a central responsável pelas atividades censórias em relação a teatro, cinema, literatura, imprensa, radiodifusão e atividades esportivas e recreativas do Governo Vargas (ironicamente o mesmo que o aprisionara).

A situação econômica de Graciliano só começaria a realmente melhorar em 1939, quando o autor foi nomeado Inspetor Federal de Ensino Secundário do Rio de Janeiro e passou a receber remuneração fixa, complementando a renda variável e por vezes incerta proveniente do ofício de escritor.

A intenção do autor com *Vidas Secas*, como ele próprio revelou em entrevista ao historiador e crítico literário Brito Broca, publicada em 1938, no Jornal *A Gazeta*, foi

representar o sertanejo como ele realmente era, com modos brutos e poucas palavras, de maneira diferente dos outros romancistas do Nordeste, como José Lins do Rego e José Américo, por exemplo, que, de acordo com Graciliano, preocupavam-se mais em representar o meio do que propriamente o homem:

O que me interessa é o homem, o homem daquela região aspérrima. Julgo que é a primeira vez que esse sertanejo aparece na literatura. Os romancistas do Nordeste têm pintado geralmente o homem da zona do brejo. É o sertanejo que aparece na obra de José Américo e Zé Lins. Procurei auscultar a alma do ser rude e quase primitivo que mora na zona mais recuada do sertão, observar a reação desse espírito bronco ante o mundo exterior, isto é, a hostilidade do mundo físico e a injustiça humana. Por pouco que o selvagem pense – e os meus personagens são quase selvagens – o que ele pensa merece anotação. Foi essa pesquisa psicológica que procurei fazer, pesquisa que os escritores regionalistas não fazem e nem mesmo podem fazer, porque comumente não conhecem o sertão, não são familiares do ambiente que descrevem. (...). O que procurei fazer foi mostrar o homem no seu ambiente, vivendo a sua vida e falando a sua língua. É um livro amargo, duro, ríspido, mas verdadeiro, profundamente verdadeiro... (BROCA, 2014, p. 68-69, grifos nossos)

Essa “hostilidade do mundo físico e a injustiça humana” constituem, portanto, uma chave de leitura para uma compreensão mais profunda não apenas de *Vidas Secas*, mas também de outros textos literários do escritor, uma vez que a violência, representada por meio de suas diversas formas de manifestação em relação ao outro, caracteriza a maioria dos romances e vários dos contos de Graciliano como temática de fundo autobiográfico, revelando a prática da escrita de si como procedimento de criação literária mobilizado pelo autor alagoano.

É importante destacar ainda que as expressões “hostilidade do mundo físico” e “injustiça humana” demonstram tanto o enfoque temático do autor, como também sua principal intenção: realizar uma “pesquisa psicológica” com base nas consequências dessa hostilidade e injustiça para a constituição e caracterização do sujeito, isto é, “observar a reação desse espírito bronco ante o mundo exterior”.

Nesse sentido, é possível afirmar que Graciliano aproxima-se de Machado de Assis, pois ambos desenvolveram grandes obras literárias caracterizadas pelo realismo psicológico e pela crítica à sociedade burguesa, além de ambos terem sido homens engajados e envolvidos com as questões sociais de suas respectivas épocas<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Vale lembrar, contudo, certa tendência da crítica a apontar o absenteísmo de Machado, ou seja, sua suposta neutralidade frente a episódios históricos fundamentais de sua época. No entanto, a partir dos anos de 1960, esse posicionamento crítico passará a ser revisto.

Apesar de alguns críticos apontarem uma possível “influência” de um sobre o outro, segundo Álvaro Lins, “Graciliano se defendeu com o argumento fulminante de que não havia lido antes Machado de Assis” (LINS, 1974, p. 26); mas, para o crítico literário, a aproximação entre os escritores é inevitável, pois as semelhanças nascem não “(...) só da influência direta de um autor sobre o outro, mas de uma certa identidade de sentimentos em face da vida e da literatura” (LINS, 1974, p. 26).

O importante, todavia, é que as relações entre literatura e sociedade são o aspecto fundamental na obra dos dois autores, e a sondagem psicológica de seus personagens, sobretudo nos textos narrados em primeira pessoa, também confirma a intenção de ambos de refletir sobre questões que dizem respeito ao ser humano. A realização de uma “pesquisa psicológica” torna único o regionalismo na obra de Graciliano, diferente dos demais modos de desenvolver essa vertente literária.

Além de ficcionista, o autor de *Vidas Secas* também realizou trabalhos de tradução, como no ano de 1940, quando traduziu para a Companhia Editora Nacional, de São Paulo, o livro *Memórias de um Negro*, do norte-americano Booker T. Washington. No ano seguinte, publicou uma série de crônicas intituladas “Quadros e Costumes do Nordeste”, na Revista *Cultura Política*, do Rio de Janeiro, textos que viriam a ser publicados postumamente, no ano de 1962, com o título *Viventes das Alagoas*.

Em um jantar comemorativo de seus cinquenta anos de idade, em 1942, Graciliano recebeu o Prêmio Felipe de Oliveira, pelo conjunto da obra. Nesse mesmo ano, foi publicado pela Livraria Martins o romance *Brandão entre o mar e o amor*, em parceria com Rachel de Queiroz, Aníbal Machado, José Lins do Rego e Jorge Amado.

No início de 1943, foi publicada uma coletânea de artigos escritos para jornais e discursos proferidos em eventos pelo autor, com o título *Homenagem a Graciliano Ramos*, que teve uma pequena edição de apenas 500 exemplares e não foi reeditada, com exceção de alguns textos republicados pelos organizadores em obras próprias.

No ano seguinte, Graciliano publicou, pela editora Leitura, o livro *Histórias de Alexandre*, um conjunto de narrativas, possivelmente ouvidas e herdadas do folclore nordestino. Essas *Histórias*, juntamente com os textos publicados na seção “Quadros e costumes do Nordeste”, da revista *Cultura Política*, e o romance *Vidas Secas*, constituem um retrato dessa região do Brasil, na época (e até os dias de hoje)

marcada pelos prolongados períodos de forte seca e pelo sofrimento do trabalhador sertanejo e de sua família.

Em 1945, Graciliano publicou o livro *Infância*, pela editora José Olympio, e o livro de contos *Dois Dedos*, pela Revista Acadêmica. Nesse mesmo ano, o autor filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), após convite de Luís Carlos Prestes, então Secretário Geral do partido. Nessa época, o PCB funcionava legalmente, e sua política pautava-se na ideia da união nacional para estimular a entrada do Brasil na guerra contra o nazifascismo e conquistar a anistia, visto que muitos comunistas ainda continuavam presos.

Nesse ano de 1945, Graciliano já era um escritor consagrado, e suas obras eram constantemente reeditadas no Brasil e no exterior. Como ativo militante do PCB, o autor aceitou sair candidato a senador pelo Estado de Alagoas, mas, como não fez campanha eleitoral, não foi eleito.

No ano seguinte, publicou *Histórias Incompletas*, reunindo os contos de *Dois Dedos* e um novo texto, intitulado *Luciana*. Também aparecem nessa coletânea de contos três capítulos de *Vidas Secas* e quatro de *Infância*. Em 1947, outro livro de contos foi publicado – *Insônia* – que reúne os textos de *Dois Dedos*. Como é possível perceber, o consagrado romancista dedicou-se também ao exercício de escrever, publicar e republicar contos, distintos entre si do ponto de vista temático, mas próximos pela extensão limitada a poucas páginas e pela densidade psicológica de seus personagens protagonistas.

Em 1949, a repercussão da obra de Graciliano ganhou um novo veículo, pois *São Bernardo* foi radiofonizado pela Rádio *Globo*, do Rio de Janeiro, e, alguns meses depois, pela Rádio *Jornal do Comércio*, do Recife. Apesar disso, não houve um aumento significativo das vendas de seus livros, uma vez que as reedições de 1947 ainda durariam até 1952, quando sairiam novas edições de seus romances e do livro de contos *Insônia*.

Em 1950, Graciliano realizou um novo trabalho de tradução, desta vez do romance francês *A Peste*, de Albert Camus, com dedicação e eficácia notáveis, possivelmente devido à familiaridade que possuía com a temática do sofrimento e da perda provocados por causa de uma epidemia de peste bubônica.

Nesse mesmo ano, Márcio Ramos, primeiro filho de Graciliano, cometeu suicídio na casa de um irmão, Júnio, cinco dias após uma crise de loucura que o levou a assassinar um colega de pensão na Tijuca. Esse episódio abalou consideravelmente a vida do autor, o qual entrou, no início da década de 1950, numa séria fase de alcoolismo e melancolia, o que o levou a uma clínica de repouso na Ilha do Governador, no Rio de Janeiro, para tratamento de desintoxicação, acompanhado de sua esposa e de uma de suas filhas.

Na verdade, Graciliano já consumia bebidas alcoólicas há alguns anos, e inclusive muitas vezes chegou a escrever algumas páginas sob o efeito de álcool, cigarros e café, como revela Aurélio Buarque de Holanda em um depoimento publicado, segundo Valentin Facioli, no *Correio da Manhã*:

Surpreendi-o, por mais de uma vez, a escrever *Angústia*. (...) Eu olhava pelo buraco da fechadura da porta de entrada, que dava para um alpendre, onde costumava ficar o escritor, sentado a uma mesa nua, na qual se via, entre outras coisas, um maço de cigarros, uma garrafa de aguardente e não me lembro se também um bule ou garrafa térmica com café. Com a cachaça e o fumo, era o café, por assim dizer, um dos seus materiais de trabalho – quase tão indispensável quanto o papel, a pena, o tinteiro, o dicionário Aulete e uma régua. (HOLANDA apud FACIOLI, 1987, p. 84)

Após o período de tratamento, Graciliano, em abril de 1951, tornou-se Presidente da Associação Brasileira de Escritores (ABDE), e, em um de seus discursos, deixou clara a sua base de formação política do PCB ao reafirmar seu apoio à independência nacional e ao anti-imperialismo, e expressar o desejo de ampla unidade nacional em defesa da paz: “Claro que somos políticos. Tentaram separar-nos. Norte contra Sul, materialistas contra idealistas; realistas e românticos são inimigos. E quem não pensar assim é comunista, deve ser metido na cadeia. (...). Queremos viver em paz (...)” (HOLANDA apud FACIOLI, p. 87).

Nesse mesmo ano, o autor publicou mais um livro, intitulado *Sete Histórias Verdadeiras*, pela Editora Vitória, com narrativas extraídas de *Histórias de Alexandre*. Este livro, no entanto, se tornou mais reconhecido do que aquele e serviu até mesmo de inspiração para a produção da minissérie *Alexandre e outros heróis*, dirigida por Luiz Fernando Carvalho e lançada em 2013 pela tv *Globo* como homenagem aos 60 anos da morte do escritor alagoano.

Outras narrativas literárias de Graciliano que ganharam adaptação cinematográfica são *Vidas Secas*, filmado em 1962, e *Memórias do cárcere*, produzido em 1984, filmes homônimos dirigidos por Nelson Pereira dos Santos, considerado o maior intérprete da obra do autor para o cinema. Além dos longas-metragens produzidos, o cineasta ainda dirigiu, em 1980, um curta-metragem baseado no conto *O ladrão*, publicado na coletânea de contos *Insônia*.

Leon Hirszman também produziu, em 1972, uma obra-prima do cinema nacional, o filme *São Bernardo*, baseado no romance homônimo de Graciliano. E o cineasta Sylvio Back dirigiu o documentário *O Universo Graciliano*, lançado em 2012, que apresenta a biografia e trajetória literária do autor alagoano a partir de vídeos de arquivo, depoimentos de estudiosos, fotografias e entrevistas com pessoas que tiveram a honra de conhecer pessoalmente o Velho Graça, como era chamado pelos amigos mais próximos.

Em 1952, Graciliano realizou com a esposa uma viagem a Moscou, para assistir às comemorações do dia 1º de maio, a convite do governo da União Soviética, e acabou visitando também outros países, como a Tchecoslováquia, França e Portugal. Porém, a viagem parece que não agradou muito o autor, como ele próprio afirmou no livro *Viagem*, publicado postumamente, em 1954:

Absurda semelhante viagem – e quando me trataram dela, quase me zanguiei. Faltavam-me recursos para realizá-la; a experiência me afirmava que não me deixariam sair do Brasil; e, para falar com franqueza, não me sentia disposto a mexer-me, abandonar a toca onde vivo. Recusei, pois, o convite, divagação insensata, julguei. Tudo aquilo era impossível. (...). Depois de andar por cima de vários Estados do meu país, tinha-me resolvido a não entrar em aviões: a morte horrível de um amigo levava-me a odiar esses aparelhos assassinos. (RAMOS, 1994c, p. 11-12)

Dois meses após o retorno da viagem à então União Soviética, mais precisamente em setembro de 1952, Graciliano precisou viajar novamente, desta vez a Buenos Aires, para ser operado, pois a doença que o levaria a óbito já começava a se manifestar. No mês seguinte, de volta ao Brasil, o autor recebeu várias homenagens por ocasião do seu sexagésimo aniversário, comemorado com uma sessão solene, presidida por Peregrino Júnior, da Academia Brasileira de Letras, no Salão Nobre da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, na qual o autor foi representado por sua filha

Clara Ramos, pois não pôde comparecer devido à fragilidade física em que se encontrava.

Em janeiro de 1953, o estado de saúde de Graciliano piorou e ele precisou ser novamente hospitalizado. Dois meses depois, seu filho Ricardo Ramos, prevendo que o autor não resistiria à agressividade da doença, decidiu então realizar seu casamento antecipadamente, no dia 14 de março, para prestar homenagens a Graciliano, que faleceu de câncer no pulmão na semana seguinte, no dia 20 de março, às cinco horas da manhã.

Inúmeros foram os discursos de homenagem ao escritor e as coroas de flores enviadas ao funeral. Personalidades importantes do cenário político nacional, diversos intelectuais e uma multidão de pessoas compareceram para os últimos tributos àquele que certamente foi um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos: Graciliano Ramos.

## Referências

BROCA, Brito. Vidas secas: Uma palestra com Graciliano Ramos – O sertanejo da zona árida – O homem no seu habitat. In: LEBENSZTAYN, Ieda; SALLA, Thiago Mio (Org.). **Conversas** – Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Record, 2014, p. 66-72.

CONDÉ, José. Graciliano Ramos. In: LEBENSZTAYN, Ieda; SALLA, Thiago Mio (Org.). **Conversas** – Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Record, 2014, p. 81-87.

FACIOLI, Valentim. Um homem bruto da terra (Biografia intelectual). In: GARBUGLIO, José Carlos et al. **Graciliano Ramos**. São Paulo: Ática, 1987, p. 23-106. (Coleção Escritores Brasileiro - Antologia e estudos).

FACÓ, Ruy. Graciliano Ramos, escritor do povo e militante do PC. In: LEBENSZTAYN, Ieda; SALLA, Thiago Mio (Org.). **Conversas** – Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Record, 2014, p. 157-163.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GARBUGLIO, José Carlos et al. **Graciliano Ramos**. São Paulo: Ática, 1987. (Coleção Escritores Brasileiros - Antologia e estudos).

LEBENSZTAYN, Ieda; SALLA, Thiago Mio (Org.). **Conversas** – Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Record, 2014.

LINS, Álvaro. Valores e misérias das *Vidas Secas*. In: RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. São Paulo: Martins, 1974.

MORAES, Dênis de. **O Velho Graça**: uma biografia de Graciliano Ramos. São Paulo: Boitempo, 2012.

RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 1994a.

\_\_\_\_\_. **Insônia**. São Paulo: Record, 1986.

\_\_\_\_\_. **Linhas Tortas**. São Paulo: Record, 1994b.

\_\_\_\_\_. **Viagem**. São Paulo: Record, 1994c.

\_\_\_\_\_. **Viventes das Alagoas**. São Paulo: Record, 1994d.

RAMOS, Ricardo. **Graciliano**: retrato fragmentado. São Paulo: Siciliano, 1992.

SENNA, Homero. Revisão do Modernismo. In: BRAYNER, Sonia (Org.). **Graciliano Ramos** (Coleção Fortuna Crítica). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 46-59.

SILVEIRA, Joel. Conversas com Graciliano Ramos. In: LEBENSZTAYN, Ieda; SALLA, Thiago Mio (Org.). **Conversas** – Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Record, 2014, p. 73-80.